



Lídia Jorge

Estuário

ROMANCE



D. QUIXOTE

Lidia Jorge
∞
ESTUÁRIO

Lidia Jorge



ESTUÁRIO

Romance



D. QUIXOTE



Título: *Estuário*

© 2018, Lúcia Jorge e Publicações Dom Quixote

Edição: Cecília Andrade

Revisão: Clara Boléo

Este livro foi composto em Rongel,
fonte tipográfica desenhada por Mário Feliciano
Capa: Rui Garrido
Imagem da capa: © Shutterstock
Fotografia da autora: © Alfredo Cunha
Paginação: Leya, S. A.
Impressão e acabamento: Eidal

1.ª edição: Maio de 2018

ISBN: 978-972-20-6513-9

Depósito legal n.º 439 257/18

Publicações Dom Quixote
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide · Portugal
www.dquixote.pt
www.leya.com

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Este livro segue a ortografia anterior ao Novo Acordo.

*Eleva-se em nós um canto
que não conheceu nascente
e não terá foz em estuário.*

SAINT-JOHN PERSE

ESTUÁRIO



Edmundo Galeano escrevia sobre um papel vulgar, mas quem não soubesse que havia perdido parte da mão direita, julgaria que estava a servir-se de um bico-de-pena para desenhar miniaturas sobre uma folha de seda. A mão, reduzida a indicador, polegar e parte do metacarpo, avançava vagarosamente, distribuindo as palavras na superfície branca com simetria invulgar, e as letras juvenis, que antes eram agudas e irregulares, tinham passado a ser moduladas como se a aplicação do autor fosse a de um escriba. E isso era bom. Edmundo era filho do armador Manuel Galeano e já várias vezes havia dito ao pai que a mortalidade o visitara nos campos de Dadaab na medida certa. Levava-lhe o suficiente para se saber perecível, e não lhe roubara tanto que não fosse recuperável.

Ao pai ele havia mencionado recuperável, mas deveria ter dito substituível. Pois ao longo dos doze meses em que havia treinado a mão parcialmente decepada, operara-se uma espécie de compensação que o próprio ia registando

com surpresa. À medida que reaprendia a manejar a esferográfica como se fosse uma criança a desenhar letras pela primeira vez, o ritmo lento ia-se-lhe impregnando por todo o corpo, levando-o a dar passadas extraordinariamente largas, enquanto o campo do olhar ia aumentando. Agora o que via não era só o que antes via, era também o que estava escondido por opacidade, e o que ainda não existia mas desejava ver. Como se a partir da fractura que havia ocorrido na sua mão, se tivesse estabelecido um comércio de ajuste entre o corpo e a psique, uma transferência entre o orgânico e a alma, e ele mesmo fosse o sujeito do processo de recuperação e o seu vigilante. E isso também não era mau. A perda de três dedos, e um troço da palma da mão direita, colocara-o no centro de um universo até então desconhecido. Valeria a pena a troca? Ninguém além dele mesmo tinha acesso ao dilema, mas o próprio por vezes, possuindo agora o que antes não tinha, achava que sim, que valia.

Valia a pena.

Pensando nessa transformação, naquela manhã de Junho, Edmundo Galeano já havia dado incontáveis passadas à beira do rio, passadas lentas, ritmadas, andando de cá para lá, entre o asfalto e a babugem, como se o mecanismo de um antigo relógio holandês tivesse passado a regular-lhe a circulação do sangue, e ele mesmo estivesse transformado num eloquente mostrador, que em vez de números cardinais contivesse palavras. As palavras eram os números e as agulhas do seu maquinismo. O pé direito avançava e o

seu mostrador, involuntariamente, marcava as horas – *Sozinho, no cais deserto*. O pé esquerdo avançava e o mostrador dizia alto – *a esta manhã de Verão*. Adiantava-se de novo o pé direito, e com ele todo o corpo de Edmundo Galeano declamava como se ao mesmo tempo fosse proclamador e palco – *Olho prò lado da barra, olho prò Indefinido*. Caminhava com um pouco mais de velocidade e a marcha transformava-se no eco de outras palavras – *Olho e contenta-me ver, Pequeno, negro e claro, um paquete entrando*. E assim havia percorrido várias vezes, com passadas largas, a mochila ao ombro e o capuz na cabeça, o mesmo troço de cais, ora no sentido da foz, ora na direcção inversa, regressando ao mesmo lugar, depois de ter passado duas horas a copiar palavras, umas atrás das outras, sobre as folhas de um caderno vulgar, com a delicadeza de quem inscreve uma mensagem para a eternidade sobre um fragilíssimo papel de seda.

A ferida da mão direita, ainda mal cicatrizada, tal como a tinha trazido dos campos de Dadaab, deslizava sobre o papel. Eram onze horas da manhã do dia vinte de Junho. Edmundo voltou a sentar-se na esplanada da Praça do Mar, um tabuado inscrito na berma, uma espécie de passadiço de cais, frívolo e turístico, modernação, concebido para que os ociosos contemplassem a acção dos outros, e desfrutassem do efeito como seu, pensou ao sentar-se. E todo o seu corpo reproduziu palavras que muito antes, quando era escolar, lhe tinham parecido arrazoados sem sentido nem aplicação, frutos de um tipo qualquer de demência mansa, mas agora lhe serviam de relógio, copiando de novo sobre o caderno pedaços de frases como eram aquelas que se lhe seguiam – *Vem muito*

longe, nítido, clássico à sua maneira. Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo. Vem entrando, e a manhã entra com ele, e no rio, Aqui, acolá, acorda a vida marítima. Erguem-se velas, avançam rebocadores. Edmundo copiava lentamente, delicadamente, deixando-se impregnar de um andamento amoroso, submisso ao riscar da mão sobre o papel, deslizando, triunfante, quando deu por que uma pessoa que não lhe era estranha se encontrava sentada a uma mesa não muito distante da sua. Puxou o capuz sobre a testa, fixou o perfil da pessoa. Era um homem adulto, mas não um homem adulto qualquer. Era o seu irmão mais velho, Alexandre Galeano, quem o esperava, sentado, no meio da esplanada.

Ou talvez não o esperasse.

Bem poderia tratar-se de uma coincidência. Apesar da curta distância que os separava, Alexandre Galeano parecia não ter dado pela chegada do irmão mais novo ao recinto da esplanada. Ou fazia por que não dava. Sobre a mesa tinha aberto um jornal que folheava com ênfase, de vez em quando sacudia as folhas, dobrava-as e lia-as rapidamente, passando à página seguinte. Fosse como fosse, não era suposta aquela coincidência. Edmundo desembaraçou-se do capuz e disse para si mesmo, como se escrevesse sobre o caderno – *Mas a minh'alma está com o que vejo menos, Com o paquete que entra.* Aí suspendeu, retirou do saco os seus pertences, estendeu-os sobre a mesa, e ficou a olhar na direcção do irmão mais velho sem conseguir continuar a pronunciar as palavras que naquela manhã davam corpo à sua música.

Por instantes ficou só a olhar, sem ouvir a música, suspenso, sem perceber porque estaria ali o Alexandre, num local tão distante da rota habitual, longe de casa, longe do *atelier*, num espaço que nunca dera por que antes frequentasse. Então Edmundo esperou que os factos se esclarecessem. Não iria fazer o mais pequeno gesto na direcção do irmão.

Pois, ele mesmo, o mais novo dos irmãos Galeano, encontrava-se naquele local desde madrugada, como acontecia ia para três meses, porque tinha regressado de África muito diferente de quando havia partido. A mão meio decepada introduzira-o não só na lentidão, mas também na circularidade, e não só na circularidade que era executada pela canção interior, mas sobretudo no âmago do intervalo, o silêncio que se estabelecia a meio dessa partitura agora inaugurada na sua pessoa como se fosse um outro. O silêncio marcava pausas na circularidade, e a circularidade abria-lhe o campo circundante em múltiplas direcções e vários sentidos. Ultimamente olhava para o rio e não via só o rio e a sua superfície lisa como um lago, com navios de carga em sua ancoragem, arrumados aos cais, animais de fibra e metal submissos e domesticados à flor da impulsão das águas. Não via só isso. Não via apenas as lanchas, as corvetas, as fragatas, os navios de cruzeiro brancos e azuis, cidades flutuantes acostadas, as partidas e as chegadas, o laborioso tráfego matinal. Agora também descia ao fundo da água e via como a corrente invisível levava consigo cascas, sapatos, ratos, óleo, fezes, mijo, pedaços de pneu, dentes humanos, e ele próprio não se importaria de mergulhar no lodo, e sair de lá cor de esterco e carvão, porque tinha

estado nos três campos de Dadaab, e deixara de fazer distinção entre os vários objectos da criação.

Agora, ao olhar para as águas do rio, sentia-se água, moldava-se às sarjetas, soltava-se por cima das pedras e ia desaguar no mar. Havia ganhado essa capacidade, depois de ter ido ao início do tempo humano, e a partir dele ter avistado, não o seu fim, o que sempre é um desfecho fácil, mas o seu futuro, o que implica uma conjectura bem mais sofisticada. Tinha voltado dos campos de Dadaab com a ideia de que teria de fazer alguma coisa por esse futuro que havia testemunhado a partir da cidade da poeira, lá onde gente vivia e nascia entre pó e espinhos, apenas deles se alimentava, e continuava a viver como se não houvesse mais mundo. Ou como se o mundo que lhes surgia através dos televisores, colocados nas tendas de apoio, fosse feito de sombras que passassem sobre as paredes de uma caverna. Mulheres formosas sorrindo, homens sentados, discutindo sem parar. Sombras de sombras de mundos luminosos que algures no espaço sideral deveria haver e surgiam ali, no pequeno *écran*, falados em inglês. Ter estado oito dias internado na enfermaria de Dagahaley, não como auxiliar mas como paciente, de mão entapada e trinta e nove de febre, tinha-lhe trazido essa experiência. Em Dadaab, um mundo irreal convivia pacificamente com o mundo real, de forma controlada, indefesa, e esse seria o futuro do mundo. O que se vivia à volta da Terra era apenas um espaço de transição para esse futuro. Edmundo tinha pensado que alguém deveria fixar essa transição, e pensou num livro para o qual ele próprio poderia vir a dar o seu testemunho. Em Dagahaley, tinha passado horas

a dizer palavras em voz alta, como se antecipasse esse depoimento. Era forçoso que assim fosse. Alguém teria de encerrar o ciclo iniciado pela fixação em papiro de histórias humanas de mistura com a invocação de animais e de espíritos, o ciclo que tinha vindo a explicar a vida até ao momento presente, mas não explicava mais, e ele, que era jovem e tinha o futuro à sua frente, estava disposto a falar.

No momento que passava abria-se um novo ciclo, ele sentia no ar essa atmosfera de mudança, ainda que também soubesse que, em todos os tempos, as criaturas humanas tivessem pensado de forma semelhante. Que viviam numa dobra do tempo. Vendo as imagens do exterior, a partir da tenda de campanha da CARE em Dadaab, Edmundo tivera a certeza de que o passado estava a extinguir-se e o futuro surgia com a configuração deprimente de uma civilização alimentada de pó. Então, alguém teria de escrever esse livro, um livro que fosse, ao mesmo tempo, o último do passado e o primeiro do futuro. Teve a certeza disso mesmo, no dia em que o médico finlandês, o Dr. Häkkinen, um folgazão subitamente assaltado por mau humor, se sentou na cama ao seu lado e começou a discorrer sobre a contradição do universo humanitário. Para quê todo aquele sacrifício? Para quê, se o caminho sempre seria o martírio da vida de uns pela sobrevivência de outros? E para quê poupar uns em nome de outros, se a catástrofe era certa, e sobre alguém sempre acabaria por recair? Segundo quem lhe tratava da ferida, naquela manhã de brasa, no barracão de Dagahaley, o que nós não estávamos era preparados para a catástrofe, e encontrávamos formas de a ir adiando, criando cenários falsos, lugares fictícios de con-

tenção, onde aqueles a quem a sorte ditara que deveriam ser dizimados eram sustentados como se ainda estivessem vivos. Dizia, com súbito humor de cão o Dr. Häkkinen. E insistia – Aqueles que estão lá fora já não são ninguém, são apenas a prova da nossa ineficácia em querermos adiar o inevitável. E por este estado de diligência forçada, você perdeu parte da sua mão direita, perdeu-a sem remédio, e uma grande sorte foi ter ficado por aí. Que isto lhe diga alguma coisa sobre este tremendo erro em que nos deixámos envolver. Pense nisto, pense nisto. Somos um Hamlet linfático, falando aos ossos e à lua, e deixando o mundo confundido no meio de uma batalha indecisa. Que ideia foi a sua de querer permanecer aqui? De não querer ser evacuado, como se tivesse contraído uma dívida com este solo não arável que não lhe devolve nada mais do que espinhos introduzidos na sua própria carne? Volte para a sua terra. Tinha dito o Dr. Häkkinen, o médico de serviço, numa hora de derrota.

O ar condicionado trabalhava com estrondo mas, ainda assim, bagas de suor saíam da testa do médico, faziam uma curva em torno das sobrancelhas ralas e vinham despenhar-se na orla do pescoço. Porque falava assim o Dr. Häkkinen? Um livro, pensou Edmundo. Faltava um imenso livro que falasse sobre a transição do tempo da Terra no meio do Universo. Pensou, sentindo-se uma testemunha privilegiada do erro, como dizia naquele dia o médico finlandês. Mas a ideia de ser ele mesmo o autor desse livro só tinha acontecido quando, ao regressar à casa do Largo do Corpo Santo, entrou na biblioteca, encontrou os seus livros escolares e, passados dez anos depois de os ter deixado, voltou a lê-los e